

## **Educação de Jovens e Adultos: Um Desafio para Psicologia Educacional.**

Aline Priscila Pereira da Silva

Deyse Dayane de Sá Sousa

Márcia Maria Abreu

Mayara Perola Maciel dos Santos

Prof<sup>a</sup> Mestra Maria Ângela Cassunde Portella

*FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE OLINDA*

*facho@facho.br*

O presente estudo tem como objetivo problematizar o tema da educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil, trazendo o olhar diferenciado da psicologia. Para isso a problemática abordada se faz frente à pergunta: De que forma a psicologia pode contribuir no entendimento do processo educativo dos alunos da EJA? O estudo visa contribuir para a formação da autonomia dos alunos da EJA, demonstrando a importância do psicólogo para desmistificar estigmas e preconceitos, direcionando-os para novas perspectivas. Pretende-se ainda a) Discorrer sobre os possíveis motivos que podem contribuir para o abandono do ensino regular levando os jovens a um retorno tardio ao programa da EJA, b) Conhecer a maneira que o psicólogo poderá contribuir junto ao educador, para um melhor aproveitamento cognitivo dos alunos da EJA, c) Apresentar a psicologia escolar como um meio de promover o empoderamento dos alunos da EJA. É justificado por haver no campo científico pouco enfoque denotado a esse público específico. Pretende-se portanto contribuir para um aumento na literatura de estudos voltados a essas problemáticas. A metodologia empregada foi a bibliográfica, baseada em escritos científicos.

A educação de jovens e adultos no Brasil percorreu uma longa história para se alcançar o nível atual de ensino, discorrendo e se alterando de acordo com o momento sociopolítico do nosso país. Desde os colonizadores o desafio de ensinar a população a ler e escrever se evidenciava.

Até a década de 80 muitas mudanças no contexto educacional haviam ocorrido, que influenciaram a forma de se enxergar a educação de jovens e adultos no país, muitos programas com o intuito de alfabetizar e dar suporte a esse público foram criados (mesmo que com algumas restrições durante o período da Ditadura Militar (1964-1985), e do regime religioso), como exemplo disto temos na década de 40, a criação e a regulamentação do Fundo Nacional do Ensino Primário (FNEP); a criação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP); o surgimento das primeiras obras dedicadas ao ensino supletivo; o lançamento da Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA). Nos anos 50, foi realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA). Na década de 70, ainda sob a ditadura militar, ocorre o início das ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que tinha o objetivo de acabar com o analfabetismo em apenas dez anos.



A década de 80 foi marcada pela mudança do cenário sociopolítico do Brasil o fim dos governos militares e a retomada do processo de democratização, que fortaleceram a democracia do ensino. Em 1985, o MOBRAL foi extinto, sendo substituído pela Fundação EDUCAR. Esse contexto de redemocratização contribuiu para a ampliação das atividades da EJA. A Constituição de 1988 proporcionou importantes avanços para a EJA “o ensino fundamental, obrigatório e gratuito, passou a ser garantia constitucional também para os que a ele não tiveram acesso na idade apropriada”, (LOPES e SOUSA, 2010, p.7).

No início do ano de 2003, o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo Governo Federal segundo Lopes e Sousa (2010). Ainda segundo os mesmos autores, para que isso fosse possível, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, cujo o principal objetivo é reduzir o índice de pessoas iletradas no país. Para que esse objetivo fosse alcançado foi instituído o Programa Brasil Alfabetizado, por meio do qual o MEC firma o compromisso de contribuir com os órgãos públicos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações sem fins lucrativos que desenvolvam ações de alfabetização, visando as populações mais carentes.

É nítido que o processo educacional acompanha e se desenvolve conforme o contexto social e político do país, por esse motivo a educação de jovens e adultos não deve ser tratada de forma isolada das políticas públicas, mas em conjunto destas. Passemos a discutir a respeito das possíveis motivações da evasão escolar no ensino regular e conseqüentemente a um retorno posterior desse público muito provavelmente ao programa da EJA.

### **Motivos que Levam ao Abandono Escolar**

Embora a educação no Brasil tenha crescido exponencialmente nos últimos 20 anos como observada anteriormente, essa evolução se deu de forma mais lenta do que a dos demais países da América Latina (LEON e FILHO, 2002), porém ainda existem problemas pertinentes com relação a evasão escolar. Essa evasão pode ser definida como o abandono escolar do aluno que, apesar de estar matriculado no ensino regular, deixa de frequentar a sala de aula. O que mais chama a atenção para esse contexto educacional, que engloba uma gama enorme de outros contextos como o econômico, político e sociocultural, é a seguinte pergunta, o que faz com que esse aluno abandone os seus estudos, quais os motivos que o levam a tomada desta decisão?

É perceptível a proporção em que se encontra o quadro da evasão escolar nos jovens, segundo uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2009, o ensino fundamental com a faixa etária de 7 a 14 anos constituem 98% de frequência nas escolas, (BRASIL *apud* FERNANDES, 2013). Porém essa realidade se altera quando comparados a adolescentes de 15 a 17 anos, onde dados do IBGE do ano de 2009 informam que esse público representa o maior contingente fora da escola, a frequência líquida nessa faixa etária segundo esses dados é de apenas 50,9%. “Esse último dado revela que apenas metade dessa população está no nível de ensino adequado à idade, evidenciando uma distorção idade-série gerando dificuldades na conclusão da Educação Básica” (FERNANDES, p. 2, 2013)

Pensando acerca dos motivos da evasão escolar chegasse a dois fatores que exerce bastante influência nesta condição, são eles, os internos, ou seja, ligados a escola, ao ambiente escolar, aos professores, a linguagem utilizada, a didática. E os fatores externos, que são aqueles ligados ao



contexto pessoal, familiar, socioeconômico, desnutrição, dentre outros problemas, (FERNANDES, 2013).

Segundo Alaminos (2005), comumente toma-se como justificativa para a saída dos jovens da escola as dificuldades econômicas familiares em que eles estão inseridos, que os obrigam a exercer alguma atividade remunerada para auxiliar no orçamento doméstico, porém não se pode pensar apenas nessa vertente, tendo em vista que existem diversas variáveis que podem influenciar esta decisão.

A questão do fracasso escolar, assim como o abandono, a repetência e a distorção da idade, é um importante ponto para se discutir os motivos da evasão escolar. Buscar as causas de evasão escolar é uma maneira de tentar entender as condições sociais e históricas que a escola e os alunos estão sujeitos e a partir dessa compreensão é possível aplicar estratégias que alcancem o sucesso escolar por parte dos alunos, o direito de livre acesso, permanência e o ensino de qualidade, como a lei de Diretrizes e Bases faz referência.

Para Fernandes (2013), o programa EJA possui um público diferenciado em seus vários aspectos, não apenas pela idade, mas pela história de vida de cada pessoa que o compõe, que de alguma forma, necessitaram interromper os estudos. Um público que é composto por donas de casa, adolescentes que abandonaram o ensino regular porque engravidam, comerciantes, operários, desempregados, trabalhadores autônomos, rurais, urbanos. Além de possuir um grupo heterogêneo onde engloba diferentes faixas etárias, por isso é necessário uma prática e um olhar diferenciado para esse aluno, um olhar que dê significado a sua vida.

Muitos jovens que se evadiram da escola durante o ensino regular veem na educação de Jovens e Adultos uma nova oportunidade para concluir a Educação Básica. Mais do que apenas isso, eles buscam se integrar à sociedade através da EJA, e querem se sentir sujeitos ativos, participativos e crescerem socialmente, culturalmente e economicamente, por isso, a educação de jovens e adultos representa a promessa de um caminho de desenvolvimento para todas essas pessoas, de todas as idades e classes.

Portanto, para Melo (2014) é necessário ofertar para essas pessoas a liberdade de construção, a possibilidade de se expressarem de forma livre e crítica, fazendo com que se sintam parte do mundo, não apenas de forma física, mas com o entendimento de que suas ideias estão contribuindo para o crescimento da sociedade, gerando dessa forma um sentimento de pertencimento a este mundo, e que não haja o prevaricamento do estado de desprezo ou vergonha, mas sim um verdadeiro enfrentamento das dificuldades com a ajuda dos profissionais interligados nesta caminhada em busca da educação e da inclusão social.

## **Aproveitamento Cognitivo em Jovens e Adultos no Contexto Educacional**

A psicologia cognitiva “é o setor da psicologia científica que estuda os processos cognitivos: percepção, categorização, memorização, atribuições causais dentre outros”, como mencionado por Riller (2014, p. 586). A cognição numa perspectiva contemporânea ainda segundo Riller, pode ser descrita tanto como uma operação mental (comportamento para a solução de problemas, atividade perceptiva, recordação, etc.) como quanto conteúdo cognitivo resultantes desses processos (elementos percebidos, recordações, soluções para problemáticas, etc.). Sendo assim é do proveito dessa ciência entender os aspectos relevantes para a educação de jovens e adultos.



Zibetti *et al* (2010) esclarece que é do interesse não só da psicologia cognitiva, mas também da neuropsicologia do desenvolvimento, investigar a importância da variável idade no processo de evolução cognitiva, pela compreensão dos diferentes componentes cognitivos e de como estes são processados no decorrer do desenvolvimento humano. Ainda segundo o mesmo autor existem vários segmentos que buscam problematizar o diálogo sobre a cognição na população mais amadurecida, a neuropsicologia discorre sobre aspectos cognitivos, que enxergam essas mudanças como sendo representantes da manutenção de habilidades neuropsicológicas comparadas ao desempenho em fases anteriores do desenvolvimento cronológico, que tendem a uma melhora no desempenho cognitivo ou a evidências de déficits no processamento de componentes neuropsicológicos.

O declínio da cognição é verificado a partir de estudos comparativos de adultos em idade mais avançadas com adultos de grupo etário mais jovens, que divergem sobre avaliações com resultados divergentes de um grupo para outro (ZIBETTI *et al* 2010). Entretanto Bandura (2005, p. 16), afirma que “o funcionamento humano está enraizado em sistemas sociais. Portanto, a agência pessoal opera dentro de uma ampla rede de influências sócio estruturais”. Melo e Teixeira (2012), citando a teoria Vigotskyana, que entende o desenvolvimento humano e da aprendizagem sob a ótica da socialização, esclarece que, “desde o nascimento, o homem já é um ser social em desenvolvimento e todas as suas manifestações acontecem porque existe um outro social”. Mesmo antes da linguagem oral, o sujeito já estaria interagindo e se familiarizando com o meio em que vive. Ainda segundo Melo e Teixeira (2012) a partir da abordagem de Vigotsky, fica nítido que a interação social tem papel fundamental no desenvolvimento da mente dos indivíduos. A partir da interação entre diferentes sujeitos se estabelecem diversos processos de aprendizagem, o que resulta no aprimoramento de suas estruturas mentais primárias existentes desde o nascimento. Tendo essa compreensão fica claro que, havendo a interação social e as ferramentas necessárias para oferecer aos sujeitos uma didática que atendam as suas necessidades, ter-se-á como resultado a aprendizagem.

Como mencionam Baltes e colaboradores (1984), citado por Machado (2005), o desafio do estudo do desenvolvimento na idade adulta passa na contemporaneidade pela recusa de ser dominado pelo princípio do declínio universal e gradual da idade, sem toda via cair no imprevisível ou na quimera da juventude eterna. Neste caso o ideal a ser alcançado seria a formação do educado voltada de forma específica ao público da EJA. Tratasse de entender esta fase em uma dimensão ampla sem engessamentos que coloquem o sujeito em um lugar preestabelecido.

Podemos considerar por tanto que mesmo o sujeito estando em um determinado momento com uma limitação seja em decorrência da idade, ou seja, por outras demandas isto em nada o impede de buscar satisfações na vida, satisfação esta que pode estar ligada ao fato de voltar a adquirir conhecimento por meio da aprendizagem.

## **Psicologia Escolar e o Empoderamento dos Alunos EJA**

Quando fala-se em educação, um dos grandes teóricos abordados por sua significativa contribuição para o campo social e pedagógico é Paulo Freire. Em suas obras Freire, defende um sistema de educação que enfatiza o aprendizado como uma ação de cultura e liberdade, sendo um processo de interação entre professor-aluno e aluno-professor, mostrando que ambos aprendem uns com os outros, através de trocas de experiências que cada um obteve no decorrer de suas vidas



(VALOURA, 2006). Vygotsky, um teórico sócio-interacionista, aponta como um fator relevante para o processo de aprendizagem, a interação social entre os indivíduos que caracteriza-se como um processo contínuo, sempre em construção (IVIC,2010).

Trazendo tais reflexões, é necessário pensarmos como ocorre o processo de inclusão dos alunos da EJA no contexto educacional, após tantos anos, longe da escola. Visto que, ao voltarem a escola, esses alunos procuram um espaço de transformação para a emancipação social e construção de novos campos para o conhecimento, que promoverá um novo contexto, para uma relação de pertencimento e um novo estado de poder (SANTOS; ARRUDA, 2013).

Neste caso é importante, trazer-se o conceito de empoderamento que é, quase sinônimo de autonomia, na medida em que refere-se à capacidade que os indivíduos têm, de decidirem sobre as questões que lhe dizem respeito, em múltiplas esferas seja de ordem política, cultural, psicológica, econômica (HOROCHOVSKI, 2006). No contexto da filosofia e da educação, Paulo Freire traz a importância do termo empoderamento, implicado a um movimento interno que causa uma transformação social e liberta o sujeito dando-lhe autonomia para que possa fazer suas escolhas, sem que tenha um sistema que lhe direcione e oprima (VALOURA,2006).

O psicólogo escolar, possui uma significativa contribuição no contexto educacional, visto que ele é um agente de mudanças. Andaló (1984), propõe uma reflexão acerca da representação que a psicologia exerce no ambiente escolar, justificando que o psicólogo é visto por algumas instituições com um caráter onipotente, portador de soluções mágicas, que solucionem os “problemas dos alunos”, em contra partida, ao profissional também é atribuído a função de decidir e julgar os processos relacionados a adequação e inadequação das pessoas em geral.

Trazendo tais argumentos, o psicólogo enquanto profissional no contexto educacional da EJA, pode ser um agente de mudanças, um catalisador de reflexões, um conscientizador dos papéis representados pelos vários grupos que compõe a instituição. O psicólogo pode problematizar questões sociais e emblemáticas, para a discussão dos alunos, permitindo que na escola circule o discurso, fazendo com que esses indivíduos que até então estavam marginalizados pela sociedade, sejam incluídos no contexto cultural e social (BARCELOS *et al* 2014).

É imprescindível a importância do psicólogo na escola, principalmente em relação aos alunos EJA, visto que ele vai auxiliar a equipe docente, em relação à didática, metodologias, que viabilizem uma melhor aprendizagem para o aluno, levando em consideração suas dificuldades. A psicologia no contexto escolar, deve contribuir para a desconstrução das práticas que reforçam preconceitos e discriminações e a construção de novas formas de subjetivação, sem contar com os programas de orientação profissional, que poderão guiar os alunos EJA, trazendo uma outra perspectiva para os alunos do mercado de trabalho (BARCELOS *et al* 2014).

## Referências

ALAMINOS, Cláudia. **Evasão escolar na adolescência: necessidade ou ideologia?**, simposio internacional do adolescente, 2005, São Paulo. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/scielo>>. Acessado em: 22 Ag. 2016.

ANDALO, C. S. A. **O papel do psicólogo escolar**. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 1984, vol.4, n.1, pp.43-46. ISSN 1414-9893. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931984000100009>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

BANDURA, A; **The evolution of social cognitive theory.** In: Smith, K.G.; Hitt, M.A. **Great minds in management.** Oxford University Press, 2005. p. 9-35.

BARCELOS, T.M *et al.* Experiências da psicologia na EJA: o estágio de licenciatura da UFG/Campus catalão. **Revista de Educação e Ensino: olhares e trilhas**, Uberlândia, v. 19, p.22-32, Jan/Jun 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/viewFile/22944/16192>> Acesso em: 14 ago.2016.

FERNANDES, R. F. **Causas de evasão escolar da educação básica na percepção de alunos da educação de jovens e adultos.** Distrito Federal, 2013. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/6885>>, acessado em: 22 de agosto de 2016.

HOROCHOVSKI, R. R. Empoderamento: Definições e aplicações. **Anpocs**, São Paulo, v. 30, p.1-29, 24 out. 2006. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=3405&Itemid=232](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3405&Itemid=232)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

IVIC, Ivan. **Lev Semionovich Vygotsky.** Recife: Massangana, 2010 ,p.140.

LEON, F. L. L. ; FILHO, N. A. M. **Reprovação, avanço e evasão escolar no Brasil.** São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://ppe.ipea.gov.br/index.php>>, Acessado em: 22 de agosto de 2016.

LOPES, S. P; L. S. S, **EJA: Uma Educação Possível ou Mera Utopia?**, Disponível em: <<http://www.cereja.org.br> > Acessado em: 16/08/2016.

MACHADO, T. S; Psicologia do Desenvolvimento e Estudo da Cognição no Adulto, **Revista de Psicologia**, n. 9, p. 41-55, UNIA, Santo André, 2005.

MELO, F. F; A. C. T, A Intenção Social Descrita por Vigotsky e a Sua Possível Ligação com a Aprendizagem Colaborativa Através das Tecnologias de Rede, XI ANPED Sul, **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2010.

MELO, M. L. B. **Investigação sobre as causas da evasão escolar em turmas da educação de jovens e adultos (EJA) de uma escola da rede estadual de ensino de João Pessoa/PB.** João Pessoa, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br>, Acessado em: 22 de Agosto de 2016.

RILLAER, J.V, **As Terapias Cognitivo-Comportamentais: A Psicologia Científica a Serviço do Ser Humano**, O Livro Negro da Psicanálise, 3ªed, Civilização Brasileira, RJ, 2014.

SANTOS, C. P. ; ARRUDA, R. A. A visão dos alunos da educação de jovens e adultos sobre a escola. **Revista Eventos Pedagógicos**, Mato Grosso, v. 4, n. 2, p.31-40, ago-dez, 2013. Disponível em: < <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/1285/935> >. Acesso em: 15 ago.2016.

ZIBETTI, M. R; G. G; J. P; J. F. S; M. A. M. P. P; D. R. B; J. M. G. F; R. P. F. **Estudo comparativo de funções neuropsicológicas entre grupos etários de 21 a 90 anos**, Neuropsicologia Latinoamericana,v.2, n. 1, p. 55-67, 2010.

